

Fim do mundo – fim de mundo(s): um ângulo morto na memória africana?

Fátima Outeirinho

Universidade do Porto - ILC

Resumo: Se o *topos* de uma humanidade e de um mundo ameaçados não é novo e é até frequente, na presente reflexão procura-se pensá-lo a partir de uma literatura estrangeira em espaço europeu, tendo como objeto um espaço africano e considerando vozes africanas, imersas num tempo colonial, mas com consequências num tempo pós-colonial, a envolver questões de construção de memória(s).

Palavras-chave: Léonora Miano, memória, imaginário de fim do mundo

Abstract: If the *topos* of a threatened humanity and world is not new and is even frequent, in the present reflection we try to think of it from a foreign literature in European space, having as object an African space and considering African voices, immersed in a colonial time, but with consequences in a postcolonial time, and involving memory building issues.

Keywords: Léonora Miano, memory, end of the world imaginary

Pensar o imaginário do fim do mundo pode passar por lembrar textos mais seminais como o *Livro do Apocalipse*, lembrar os discursos mais ou menos alarmistas dos nossos tempos anunciadores do fim do mundo, de fins de mundos e que a ficção integra como sucede com a ecoficção¹, a ficção científica² ou obras como *Submissão* (2015) de Michel Houellebecq, com narrativas mais ou menos distópicas, exercícios que também são de antecipação do futuro, para retomar uma expressão oitocentista.

Numa primeira etapa de busca de um trilho, considerei tratar um *corpus* ligado à literatura de viagens, área de investigação que me interpela de modo particular. Falar de fim do mundo seria, neste contexto, lembrar desde logo a Patagónia, e presente nesta expressão está eminentemente uma delimitação física, geográfica, do observado. Decidi não ir por aí. Optei por não escolher narrativas de viagem. Não que os textos de viagem ou com viagens não possam também construir e/ou convocar representações do fim do mundo enquanto espaço-tempo para o medo, o desastre, a tentativa de decifração do inexplicável, mas igualmente a possível revelação da possibilidade e/ou necessidade de construção de novos mundos. Atentar em propostas criativas menos lembradas pareceu-me a via a seguir.

Porque não pensar outros caminhos do imaginário do fim do mundo, não tão palmilhados ou mesmo frequentemente ignorados em espaço europeu, mesmo se surgidos nesse mesmo espaço? Porque não acercar-me de caminhos percorridos com vista ao presente, mas que procuram desbravar um passado? Se o *topos* de uma humanidade e de um mundo ameaçados não é novo e é até frequente, pensá-lo a partir de uma literatura estrangeira em espaço europeu, tendo como objeto um espaço africano e considerando vozes africanas, pareceu-me a direção a seguir, contribuindo para a partilha de percursos de menor visibilidade no lugar em que me situo. Identificada a direção, a escolha do guia tornou-se, para mim, óbvia e a possível: Léonora Miano com *A Estação da Sombra*³ (Prix Femina, 2013). Porquê?

Sensivelmente desde 2008, tenho vindo a acompanhar a produção desta escritora de língua francesa, nascida nos Camarões (1973), mas a viver em França (desde 1991), com obra regularmente publicada desde 2005 – mais de uma dezena de títulos –; os seus textos dão conta de um projeto que se realiza pelo romance, por formas breves, pelo texto dramático ou pelo discurso ensaístico, mas ainda pela participação em iniciativas cidadãs. Muito embora a autora apresente textos vários situados em espaço europeu, francês, parisiense, em Portugal encontram-se traduzidos apenas três romances todos eles de contexto africano: *O Interior da Noite*⁴, *Contornos do Dia que Nasce*⁵ e, o último, *A Estação da Sombra*.

Porém, ainda antes de me deter em *A Estação da Sombra* de Léonora Miano, importa talvez destacar dois aspetos: o primeiro prende-se com o que poderia ser

denominado de processo de acantonamento da sua obra. Com efeito, a sua produção é com frequência alojada na chamada literatura de imigração ou numa literatura africana negra francófona e os próprios mecanismos de consagração literária ajudam a esse acantonamento. Tendo recebido inúmeras distinções⁶, é-lhe atribuído em 2010 por *Les Aubes Écarlates* o *Trophée des Arts Afro-Caribéens* (categoria romance) e, em 2011, recebe o *Grand Prix Littéraire de l'Afrique Noire* pelo conjunto da sua obra. Contudo, não podemos esquecer a difusão da sua obra através da tradução e, como lembra Pascale Casanova, “La traduction est la grande instance de consécration spécifique de l'univers littéraire” (1999: 188). Miano está presente num espaço plurinacional e já foi traduzida em português europeu e português do Brasil⁷, em inglês⁸, sueco⁹ ou italiano¹⁰. Como observa também Casanova em *La République Mondiale des Lettres*, “lorsqu'on cherchera à caractériser un écrivain, il faudra le situer deux fois : selon la position de l'espace national où il est situé dans l'univers littéraire mondial, et selon la position qu'il occupe dans ce même espace” (1999: 65) Caracterizar esta escritora é então reconhecer a existência de um acantonamento, como de resto sucede com tantos outros autores ligados ao universo da francofonia e que apresentam uma ligação a um antigo espaço de império colonial francês.

O segundo aspeto que desejo sublinhar tem a ver com a existência de um projeto estético delineado e explicitado pela própria autora ao longo do seu percurso e que as entrevistas e conferências que deu têm revelado. De resto, uma das suas obras – *Habiter la Frontière* (2012) – é precisamente uma recolha dessas mesmas conferências produzidas no Brasil, nos Estados- Unidos ou na Dinamarca, dando conta de todo um processo de reflexão metatextual que sustenta a sua escrita criativa. Situando-se na esteira conceptual de um Édouard Glissant, no que toca nomeadamente à questão da *mondialité*, a apontar para o contacto e encontro de culturas, no respeito pelo Diverso, e face à herança de um Ahmadou Kourouma no que concerne o dever de memória (Outeirinho 2014), Miano trabalha temáticas como o tráfico de escravos ou o discurso sobre a responsabilidade partilhada do destino da África contemporânea, num quadro que pretende fugir ao binarismo Europa-África e se quer antes situar num quadro transatlântico e em vivências partilhadas por toda a humanidade (Outeirinho 2011). Não por acaso, boa parte da sua obra aproveita uma herança literária e musical

americana como lembra Sylvie Laurent quando afirma que essa herança “lui permet aussi de concevoir un imaginaire littéraire surprenant pour ses lecteurs: celui d’un ‘tiers-espace’, reliant par le fil invisible des mots et de leurs musiques, les territoires littéraires africains des trois continents” (Laurent 2011) A própria autora afirmará:

Par la force des choses, je suppose que j’appartiens à une génération d’écrivains africains, mais ce n’est pas en ces termes que je pense à moi. Je suis un écrivain, et si je travaille à partir de ce que je suis (africaine donc, à l’origine), il me semble surtout parler d’humanité dans mes romans. (Miano 2008: 5)

O projeto estético de Miano visa uma ação no presente, dando conta afinal do regresso do político ao facto literário (Viart, Vercier 2008) e a assunção de uma função social e ética da literatura. Eis alguns objetivos e chaves de leitura da poética de Léonora Miano¹¹ que lembro para esta reflexão:

- mostrar a pertença ou pelo menos a relação com um espaço literário mundial;
- assinalar uma poética de fronteira: “J’écris dans l’écho des cultures qui m’habitent : africaine, européenne, africaine américaine, caribéenne” (Miano 2012: 29);
- salientar o hibridismo cultural de onde provém e de que dá testemunho;
- mostrar e demonstrar os traços partilhados por todos os grupos humanos e, portanto, uma pertença à humanidade;
- reconhecer a importância do tráfico negreiro, a travessia do Atlântico, para rastrear a memória e a responsabilidade africana neste processo e ir para além de particularismos redutores e parciais.

Sobre o papel de alguns africanos no tráfico negreiro dirá: “Pour seulement envisager de se projeter dans l’avenir, il est essentiel que cette histoire soit connue et appréhendée. Je ne pense pas que les sociétés africaines de ce début de XXIe siècle puissent faire l’impasse sur la connaissance précise de cette longue période.” Neste contexto, em entrevista de 2013, Miano lembra que por exemplo nos Camarões não se fala dessa questão. A descoberta dá-se através do contacto com os afro-americanos que

regressam para conhecer as suas raízes. Trata-se pois, como a própria autora refere, de combater “cet angle mort historique [qui] empêche d’envisager sereinement l’avenir” (Miano 2013). Nas suas obras de espaço africano, Miano não situa especificamente as narrativas no seu país de origem, mas numa África central banta: “Je crée dans mes livres un espace bantou imaginaire, ce qui me permet de sortir des divisions coloniales” (*ibidem*).

Será precisamente a questão do tráfico negreiro e as importantes transformações numa ordem vivencial africana que *A Estação da Sombra* acolherá. Com base na investigação desenvolvida por Lucie-Mami Nor Nkaké, *La Mémoire de la Capture*, Miano erguerá um universo ameaçado e perturbador. Nos agradecimentos de final da obra, escreve a autora: “Muitos considerariam fastidioso um documento semelhante, com os seus aspetos por vezes técnicos. Todavia, eu descobri nele a confirmação de intuições muito antigas, que, tornadas obsessivas, irrigam a minha proposta literária” (Miano 2015: 235). Procurando dar corpo ao projeto estético a que aludi, trata-se em *A Estação da Sombra* da reivindicação de uma memória¹², da tomada de responsabilidade africana no curso da História¹³ e tal passará por combater o silêncio e a vergonha que leva ao silêncio¹⁴; tal significa então mergulhar na estação da sombra¹⁵, num mundo ameaçado de desaparecimento, em perda de harmonia e de equilíbrio, com personagens confrontadas com a perda de referências, experimentando a impotência perante a destruição da aldeia, espaço vital de toda uma vida e de todo um povo, confrontadas com o exílio, face a um “mundo que cai aos bocados” (Miano 2015: 147).

Em *A Estação da Sombra*, o fim do mundo manifesta-se nas terras do clã mulongo, “Uma grande desgraça acaba de se abater sobre a aldeia” (*idem*: 12); o grande incêndio, “qualquer que tenha sido a sua causa, é um presságio sombrio, o anúncio dos tormentos que o clã sofrerá” (*idem*: 28), e o desaparecimento de dez jovens iniciados e dois homens de idade madura, a perda do ministro dos cultos, guia espiritual do povo, serão os sinais do caos que se instalará: “Desde o grande incêndio, apareceu uma nova categoria de indivíduos: a dos que não são vivos nem mortos. Ignora-se em que se tornaram” (Miano 2015: 24). A perplexidade, a incompreensão, a angústia e o medo atravessam o clã. Em *A Estação da Sombra*, será o povo e o mundo dos Mulongo que irá ser destruído pela

traição do clã vizinho: os Bwele. Mukano, o chefe da aldeia em busca de uma resposta, não a encontrará:

Filho de Mulongo, disse o oráculo, nada voltará a ser como dantes. Eis que chegou o reinado de Mwititi [escuridão, sombra]. Esta fala não lhe dera as instruções que esperava. Incumbia-lhe a decisão, e ele tomou-a, a fim de honrar a sua condição. O Mal, ensinou-lho o seu pai, só existe para ser combatido. E acrescentava também, algumas vezes, as seguintes palavras que Mukano esquecera: Devemos lutar, sem estarmos certos de ver, nós próprios, o dia do triunfo. O chefe dos Mulongo solta um uivo que o trovão esmaga. Chove. (Miano 2015: 153)

O reinado de Mwititi é a ausência de narrativas explicativas, tranquilizadoras, a impossibilidade de dizer um mundo que se estilhaça, um fim do mundo. Como considerará a matrona Ebeise, “*A sombra é também a forma que os nossos silêncios podem tomar. (...) Sim, Mwititi é a forma que tomam os silêncios*” (*idem*: 33). Contudo, o reinado da escuridão, da sombra, integra já a possibilidade da luz. E Mukano lembra a lição do pai: “*Devemos lutar, sem estarmos certos de ver, nós próprios, o dia do triunfo*” (*idem*: 153). Tal lição de um africano da África subsaariana faz-se de algum modo eco da epígrafe com que a obra abre, retirada de um texto que integra uma matriz judaico-cristã do espaço europeu:

Sentinela, que vês na noite?

Sentinela, que vês na noite?

E a sentinela responde:

Vem aí a manhã e também a noite. (Isaías 21:11-12)

De um texto com ressonâncias apocalípticas como o é o *Livro de Isaías*, revela-se promessa de esperança num tempo a vir. Tais ressonâncias encontramos-las, de novo, no último capítulo da obra, intitulado “Últimos tempos”, últimos dias, um capítulo só aparentemente de desesperança apesar da destruição, violência e morte que o atravessam. E também a segunda epígrafe do poeta haitiano Frankétienne aponta já na mesma direção, mesmo se sob uma forma interrogativa: “Oh que epopeia futura / reanimará as nossas sombras esvaídas?” (*apud* Miano 2015).

Um princípio de esperança, encontramos-lo em duas figuras femininas do clã pulverizado pelo exílio e dizimado pela morte. Em *A Estação da Sombra*, duas mulheres

dão corpo e voz à necessidade de resistir e combater a sombra: Eyabe, mãe de um dos filhos que não tornaram a ser vistos, mulher viril que recusará a desistência perante um mundo que se desmorona, e partindo em busca do país da água para obter respostas, e Ebeise, a parteira do povo Mulongo, que fechará a narrativa, afirmando: “*Saibamos acolher o dia quando ele se apresenta. E a noite também*” (Miano 2015: 231). Acompanhada de uma criança, Bana, símbolo de todas crianças, uma criança que não é seu filho, mas que Eyabe faz seu, parte em direção à zona costeira e

Ao longo do caminho, continuou a ensinar-lhe o falar mulongo, nomeando, uma vez mais, os elementos presentes na natureza: madeira, folhas, terra. As partes do corpo. As ações: andar, comer, beber, dormir... O que lhe proporcionou um sentimento de apaziguamento. Partilhar, transmitir. Fazer de novo o mundo existir para um ser (*idem*: 156)

Face ao desaparecimento da sua comunidade e depois de sepultar os seus mortos, a matrona Ebeise parte e encontra Eyabe que lhe lembra a importância do dever de memória para construir o futuro, uma memória plural e partilhável¹⁶: “A mulher diz que vinte e sete pessoas foram enterradas no país de outrora. Os seus nomes serão transmitidos aqui, a fim de que os mortos saibam que um povo os reconhece e os reclama” (*idem*: 229). Assim, as bases para fazer uma nova comunidade estão lançadas.

A estação a que se reporta a obra é aquela em que os povos do interior africano começam a ser capturados por outros povos africanos seus vizinhos e vendidos aos homens com pés de galinha, denominação dada aos brancos que surgem do país da água:

Não têm realmente patas de ave, mas usam, por cima das pernas, roupas que dão essa impressão. Contara-me que os costeiros fazem há muito tempo comércio com esses estrangeiros que vêm de pongo pelo oceano. Outrora, pelo que pude compreender, forneciam-lhes óleo vermelho e presas de elefante. Desde então, fornecem-lhes gente, até mesmo crianças, em troca de mercadorias. (*idem*: 123)

Quer como vítimas, quer como carrascos, em *A Estação da Sombra*, os africanos serão os protagonistas num espaço onde os brancos parecem ser apenas figurantes.

Ironicamente, o oceano que para o homem europeu, ocidental, representou a abertura e descoberta de novos mundos e que, antes da chegada do branco, representava em África o fim do mundo físico, terrestre¹⁷, após a chegada do branco, será o país da água que trará o fim do mundo para os povos africanos.

Para os que restam após a catástrofe que se abate sobre os seus mundos, resta a reunião de esforços, o reagrupamento e pôr em comum de heranças e memórias, a disponibilidade para um renascimento após dura travessia: “A mulher diz que esta terra se chama Bebayedi. É o país que se deram aqueles que escaparam à captura. Aqui, as recordações de uns misturam-se com as dos outros, para tecer uma história” (*idem*: 229).

Com esta obra, Léonora Miano procura de novo fazer a travessia das sombras interiores africanas. Como ela própria refere em *Habiter la Frontière*,

[Mes textes] sont un appel à la compréhension de soi-même, à l’acceptation de la responsabilité individuelle et collective comme premier levier pour se hisser vers une liberté pleine, entière. Ils sont également une exhortation au travail de mémoire qui tarde à se mettre en place sur le continent africain, à la création d’un lien avec les Afrodescendants, ce que je considère comme une des premières étapes vers la réhabilitation d’une conscience de soi actuellement assez dégradée en Afrique subsaharienne. (Miano 2012: 6)

“A sombra é também a forma que os nossos silêncios podem tomar”, diz a mulher mulongo, Ebeise. Para preencher esses silêncios e construir novos mundos de futuro, Léonora Miano escreve *A Estação da Sombra*, procurando anular o ângulo morto¹⁸ da memória africana, assente, afinal, num trabalho de pós-memória.¹⁹

Bibliografia

- Casanova, Pascale (1999), *La République Mondiale des Lettres*, Paris, Éditions du Seuil.
- Chelebourg, Christian (2012), *Les Écofictions. Mythologies de la fin du monde*, Bruxelles, Les Impressions Nouvelles.
- Darriet-Féréol, Virginie (s/d), “*La Saison de l’ombre de Léonora Miano, une enquête autour de la mémoire de la capture*”, <http://phantasma.lett.ubbcluj.ro/?p=5902>, consultado a 25-02-17.
- Hirsch, Marianne (2008), “The generation of postmemory”, *Poetics Today*, 29:1, pp. 103-128. <http://eco-fiction.com/eco-fiction/>, consultado a 25-02-17.
- Laurent, Sylvie (2011), “Le ‘tiers-espace’ de Léonora Miano romancière afropéenne”, *Cahiers d’Études Africaines*, <http://etudesafricaines.revues.org/16857>, consultado a 25-02-17.
- “Léonora Miano : ce que l’esclavage a fait à l’Afrique” [propos recueillis par David Caviglioli, 27-10-2013] <http://bibliobs.nouvelobs.com/romans/20131023.OBS2280/leonora-miano-ce-que-l-esclavage-a-fait-a-l-afrique.html>, consultado a 25-02-17.
- Miano, Léonora (2005), *L’Intérieur de la Nuit*, Paris, Plon.
- (2006), *Contours du Jour qui Vient*, Paris, Plon.
- (2007), *O Interior da Noite*, trad. Joana Marques de Almeida, Lisboa, Europress.
- (2008), *Contornos do Dia que Nasce*, trad. Joana Marques de Almeida, Lisboa, Europress.
- (2008), [entretien conduit par Jérôme Destaing], in *Afropean Soul et autres nouvelles*, Paris, Flammarion.
- (2008), *Afropean Soul et autres nouvelles*, Paris, Flammarion.
- (2012), *Habiter la Frontière*, Paris, L’Arche.
- (2013), *La Saison de l’Ombre*, Paris, Grasset.
- (2015), *A Estação da Sombra*, trad. Miguel Serras Pereira, Lisboa, Antígona.

Michel, Patrick (2002), “Ahmadou Kourouma, de l’Afrique à la ‘totalité-monde’”, critique internationale, nº 16, www.cairn.info/zen.php?ID_ARTICLE=CR11_016_0070, consultado a 25-02-17.

Outeirinho, Fátima (2011), “Quelle identité humaine? L’humain chez Léonora Miano”, in Krystyna Nodrzejewska (dir.), *La Condition Humaine dans la Littérature Française et Francophone*, Opole, Uniwersytet Opolski: 95-101.

-- (2013), “Mouvances diasporiques chez Léonora Miano et Angeline Solange Bonono : le voyage extérieur et le voyage intérieur”, in Ramona Malita *et al.*, *Agapes Francophones 2013*, Szeged, Jate Press, pp. 169-178.

-- (2014), “L’héritage d’Ahmadou Kourouma dans la littérature contemporaine francophone: le cas de Léonora Miano”, pp. 119-130, www.ilcml.com/Var/Uploads/Publicacoes/Artigos/5486ddaf6e360.pdf, consultado a 25-02-17.

Socio-Anthropologie, nº 28 (2013), <https://socio-anthropologie.revues.org/1509>, consultado a 25-02-17.

Stora, Benjamin (2012), *Voyages en Postcolonies*, Paris, Stock.

Viard, Dominique, & Vercier, Bruno (2008), *La Littérature Française au Présent*, Paris, Bordas.

Fátima Outeirinho é Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde leciona nas áreas dos Estudos Franceses e da Literatura Comparada, tendo-se doutorado precisamente nesta última área de conhecimento. Integra o grupo [Inter/transculturalidades](#) no quadro do projeto [Literatura e fronteiras do conhecimento: políticas de inclusão](#) do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. Desenvolve maioritariamente a sua docência e investigação nos domínios da Literatura Comparada, Literatura e Cultura Francesas (séculos XIX e XX), Relações Literárias e Culturais Portugal-França, Estudos sobre as Mulheres, Literatura de Viagens. É autora e organizadora de diversos estudos críticos nestes domínios.

NOTAS

¹ O conceito de ecoficção definido por Chelebourg identifica “les produits de ce nouveau régime de médiatisation des thèses environnementales. Leur champ ne se limite donc pas aux seules œuvres de fiction : il englobe l’ensemble des discours qui font appel à l’invention narrative pour diffuser un message écologique” (2012: 11) Ver também <http://eco-fiction.com/eco-fiction/>: “Eco-fiction is ecologically oriented fiction, which may be nature-oriented (non-human oriented) or environment-oriented (human impacts on nature)”.

² Não por acaso a investigação tem-se detido nestas ocorrências textuais como sucede, por exemplo, com o nº 28 de 2013, da revista *Socio-Anthropologie*, sobre “Apocalypses”.

³ Também por preocupação de partilha mais alargada de uma obra, de uma autora, optei pela tradução, em português, de Miguel Serras Pereira.

⁴ *O Interior da Noite*, trad. Joana Marques de Almeida, Lisboa, Europress, 2007.

⁵ *Contornos do Dia que Nasce*, trad. Joana Marques de Almeida, Lisboa, Europress, 2008.

⁶ Em 2005 por *L’Intérieur de la Nuit* a distinção Révélation de la Forêt des Livres, Prix Louis Guilloux 2006, Prix René Fallet 2006, Prix Bernard Palissy 2006, Prix de l’Excellence Camerounaise 2007. Em 2006, por *L’Intérieur de la Nuit* o Prix Montalembert do primeiro romance feminino; ainda em 2006 o *Goncourt des Lycéens*, por *Contours du Jour qui Vient*; o Prix Grinzane Cavour em 2008 (categoria primeiro romance estrangeiro); em 2010 por *Les Aubes Écarlates* o Trophée des Arts Afro-Caribéens (categoria romance); por *Soulfood Équatoriale* o Prix Eugénie Brazier em 2009; e em 2012 *Écrits pour la Parole* foi distinguido com o Prix Seligmann contra o racismo.

⁷ *Contornos do Dia que Vem Vindo* (2009). A tradução inscreve-se no contexto da comemoração do ano da França no Brasil, em 2009.

⁸ *Dark Heart of the Night* (2010).

⁹ *Konturer av den dag som nalkas* (2008).

¹⁰ *Notte Dentro*, 2007 e *I Contorni dell’Alba* (2008).

¹¹ Cf. Sigo de perto a síntese já apresentada em “L’héritage d’Ahmadou Kourouma dans la littérature contemporaine francophone: le cas de Léonora Miano”, www.ilcml.com/Var/Uploads/Publicacoes/Artigos/5486ddaf6e360.pdf.

¹² Cf. Miano (2006: 211 e 2009: 157, 210).

¹³ Cf. Miano (2005: 213).

¹⁴ “La honte est pour beaucoup dans ce silence. Il y a une autre honte: celle d’avoir été colonisé par d’anciens partenaires commerciaux” (Miano 2013).

¹⁵ “Le défi est de faire en sorte que les heures sombres du passé deviennent enfin l’Histoire, pas un présent perpétuel” (Miano 2010: 49).

¹⁶ Como para Benjamin Stora, trata-se de defender “une mémoire chorale, plurielle, partageable” (Stora 2012: 134).

¹⁷ “*este país pertence realmente a Wase. Mas a terra detém-se aqui. Para lá desta terra, não há senão água. Se o lugar que procuras é a borda do nosso mundo, chegaste ao teu destino*” (*idem*: 162-163).

¹⁸ Cf. “cet angle mort historique empêche d’envisager sereinement l’avenir.” <http://bibliobs.nouvelobs.com/romans/20131023.OBS2280/leonora-miano-ce-que-l-esclavage-a-fait-a-l-afrique.html>

¹⁹ Na verdade, como também lembra Marianne Hirsch, “Postmemory’s connection to the past is thus not actually mediated by recall but by imaginative investment, projection, and creation” (2007: 107).